BLUMENAU
em CADERNOS
Tomo I
Número 2
Dezembro de 1957

Tomo I	Número 2	Dezembro de 1957

Meu Natal em Macaé

J. Ferreira da Silva

Isto ocorreu há anos. Há mais de quinze, talvez. E sempre que se aproximam as comemorações do nascimento de Jesus, a recordação daquela noite de Natal me vem à mente, trazendo-me lágrimas aos olhos. Não lágrimas de tristeza. De emoção. Dessa emoção que a lembrança das cousas ternas, suavemente delicadas provoca, elevando-nos o espírito à contemplação do presepe onde o menino Deus repousa, sorridente, embalado pelos "hosanas" dos coros angélicos.

E parece-nos ouvir a música celestial, em surdina, num cantinho da nossa alma; e sentir o perfume delicado do incenso que se escapa de turíbulos reluzentes. E o sorriso de milhares de querubins louros e morenos, anunciando a vinda d'Aquêle por quem os séculos ansiaram, as mãos suplicantes levantadas para o infinito, à espera da prometida Misericórdia. E um coração de mãe contemplando, feliz na sua imensa pobreza, o fruto bendito de suas entranhas, diante do qual se humilhariam reis e poderosos, e humildes e pobres se tornariam grandes.

Foi com a alma transbordante de sentimentos assim que eu me vi, certa vez, na noite de uma véspera de Natal, longe de casa, longe da família, descendo uma ruazinha escura da cidade fluminense de Macaé.

As obrigações do meu cargo obrigaram-me a fazer aquela viagem em dia para isso tão impróprio e eu não pudera desvencilhar-me dos negócios com tempo de ir passar a grande noite em companhia dos meus.

Caminhava com o pensamento nos meus garotinhos alegres e felizes, carregados de brinquedos e de doces, extasiados diante dos enfeites de ouro e prata, das velinhas crepitantes, das bolas verdes, vermelhas e amarelas pendentes dos ramos do pinheirinho armado no meio do salão. E pensava também nos vizinhos, nas outras famílias da minha Blumenau que, àquela hora, também festejavam o Natal, enchendo as ruas desertas de música e de cantos e os salões de risos e de felicidade.

Insensìvelmente os olhos se me enchiam de lágrimas.

Um vento do sul, frio e incômodo, açoitava a velha Macaé. E sacudia doidamente as grandes fôlhas das vetustas palmeiras reais, plantadas por mãos de lendários condes e barões dos tempos do império, quando a terra fluminense se encontrava no apogeu da sua grandeza. As ondas vinham se quebrar com estrondo desusado de encontro aos paredões do cais. Sinos tocavam na tôrre de uma igreja distante e, ao fundo, numa eminência recoberta de velhas árvores, brilhavam luzes nas janelas do casarão senhorial, morada de esquecidos descendentes do grande e sempre lembrado Caxias.

Ia meter-me no hotel. Afogar, na leitura de algum livro, a tristeza que me invadira, a saudade que me encharcava a alma.

Descia, assim, a ruazinha de Macaé quando, de uma porta entreaberta e donde se escapava fraca réstea de luz, me vêm, suaves, os acordes da velha canção natalina, sempre nova, sempre encantadora aos ouvidos e aos sentimentos do cristão:

"Stiele Nacht, heilige Nacht"!

Num impulso instintivo, parei e, sem medir conseqüências desagradáveis que poderiam surgir de um gesto assim, numa terra onde eu era completamente desconhecido, meti a cabeça pela abertura da porta.

Dois moços, envergando o uniforme de soldados do Exército, de costas voltadas para a entrada, estavam sentados diante de um ramo de pinheiro, iluminado por velinhas multicores e do qual pendiam alguns enfeites reluzentes, cantavam extasiados:

"Noite feliz, noite feliz!
Ó Senhor, Deus de amor,
Pobrezinho nasceu em Belém..."

Vivamente emocionado, conservei-me mudo, olhando aquela cena tão comovedora. Mas não pude conter-me quando, em dueto perfeitamente acordado e harmonioso, os cantores chegaram ao final da terceira estrofe. E exclamei, batendo palmas:

— Muito bem, rapazes! Muito bem!

Os dois moços não ficaram menos surpreendidos do que eu com aquela interrupção.

Voltaram-se assustados. E eu reconheci, nêles, blumenauenses filhos de velhos e queridos amigos, que a sorte jogara àquelas alturas do estado do Rio, no cumprimento de seus deveres de brasileiros recém-sorteados para o serviço militar.

O Rio Itajaí

O Desvendamento da Costa — Mapas e Portulanos do tempo Nomenclatura litorânea — Morfologia do nome.

Almirante LUCAS A. BOITEUX

A costa catarinense, como sabemos, foi descoberta e perlongada a primeira vez entre os anos de 1501 - 1502, por nautas portuguêses.

Das expedições que tiveram por chefes André Gonçalves e Gonçalo Coelho, raros topônimos dos sítios particularmente observados foram, desde logo, incorporados aos monumentos cartográficos da época e que chegaram até nós. Da expedição castelhana de João Dias de Solis (1515 - 16) nenhum prevaleceu. Mui naturalmente, receosos de naufrágio em "mares nunca dantes navegados", os nautas d'outrora ao perlongarem-na deram bom resguardo à costa, só dela se apropinquando, cautelosos, ao cantar monótono do prumo na mão, quando careciam de víveres, aguada e lenha, de uma escapada ao mau tempo ou para repararem avarias.

Só mais tarde, com o escoar do tempo, estimulados pelos atrativos da terra exuberante, as explorações litorálicas se foram praticando com mais vagar e maiores afoiteza e minudência.

Os poucos mapas, portulanos e roteiros dos primeiros anos da descoberta, que por felicidade rara alcançaram os nossos dias, são, todavia, falhos, omissos, confusos, quanto à nomenclatura e sua situação verdadeira no trecho costeiro por nós visado neste simples estudo. Apesar dessa carência e confusão toponímicas julgo, no entanto, encontrar em o famoso mapa dos Reinel (pai e filho), executado em Lisboa, em desenho não muito escorreito, mas sobrepujando os coevos na nomenclatura, a mais remota referência ao rio que nos preocupa. A referida preciosidade cartográfica, aparecida por 1516, demonstra ter incorporado o resultado "de mais de uma investigação para as bandas do sul", no parecer do douto inaciano Padre Hafkemeyer.

Assim é que da inspeção cautelosa que nela fizemos, no trecho considerado do ribamar catarineta, nossa atenção foi atraída para um *R.º das Voltas*, situado aos 26º35' de latitude sul. Como é do nosso conhecimento, o *Rio Itajaí* (principalmente o *Mirim*) apresenta desde a

---

Meu Natal em Macaé

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 22

Pode-se bem imaginar a emoção que de todos nós se apoderou. Abraçamo-nos comovidos, olhos marejados de lágrimas e todos três, certamente com o pensamento voltado para a mesma cidadezinha bonita e querida que, àquela hora, debruçada sôbre as águas barrentas do Itajaí-açu cantava, inundada de luzes e de felicidade, com os entes que nos eram mais caros, nossos pais e nossos irmãos.

"Dorme em paz, ó Jesus!
Dorme em paz, ó Jesus!".

sua embocadura, um curso assaz sinuoso. Testemunha-o nestas palavras Almeida Coelho, baseado em Van Lede, em sua apreciada "Memória histórica": — "... notável por suas numerosas voltas..." A situação de sua foz, da mesma maneira, levando-se em conta a imperfeição dos instrumentos e observações do tempo, se aproxima da latitude do referido mapa dos Reinel.

Com essa designação vamos ainda encontrá-lo no mapa de Maggiolo (1519), na Carta de Turim (1523). Em a carta marítima de Diego Ribeiro (1529), entre os topônimos costeiros *R. de S. Franco.* e *P. de S. Catali.ª*, descobrem-se as embocaduras de três cursos d'água (naturalmente o *Itapocu*, o *Itajaí* e o *Tijucas*), assinaladas pela designação — Rios — e vários ilhéus fronteiros. Afinal, na carta de Ramúsio (1563), grafado à castelhana, lemos na mesma altura *R.º de las Bueltas.*

Dos mais antigos mapas e cartas marítimas, que alcancei consultar, vem o nome indígena do notável rio catarinense — Itajaí — assim grafado:

Judocus Hondius ou Blaeu (1630)	R. Tajahug
1.º mapa do Paraguai (1646 - 49)	R. Taiahug
Le Pere Coronelli (1688)	R. Tacahug
Guilherme Delisle (1700)	R. Tacuay
2.º mapa do Paraguai (1722)	R. Tayahug
Mapa do Paraguai (1726)	R. Tayabuy
Mapa do Paraguai (1732)	R. Tayabuy
Mapa d'Anville (1733 - 34)	R. Tajahug
Mapa de João de Deus Garção (1747)	R. Tajahug
Mapa d'Anville — América Meridional — (1748)	R. Taiaiye
Mapa das Côrtes (1749)	Ens. de Tajay
Mapa das Côrtes (1751)	Ens. de Tajay
Mapa espanhol (1760)	Ens. de Tajay
Carta do Vice-rei Conde da Cunha (1767)	Tujuy
Mapa de Silveira Peixoto (1768)	R. Tamarandi (?)
Mapa de J. C. Olmedilla (1775)	R. Tajay — Ea. Tajay R. Tajahy-miri
Mapa da Mem. Polit. de Miguel de Brito (1816)	Tajahi
Mapa de Costa Fraga (1808)	Tajay — Tajay-mirim

Ainda a respeito da grafia do nome do rio em questão, lemos em a "Arte de Navegar e Roteiro" de Manoel Pimentel, fidalgo da casa de S.M., e Cosmógrafo-mor do reino de Portugal, publicação de 1710: — "Dalli (Ens. das Garoupas) cousa de tres leguas está hum rio chamado *Tajahug*...

O autor da "Carta do governo do Rio da Prata até ao Brazil (1717)" baseado nos "Jornaes" de Emanuel Figueiredo, português, e de Teodoro Reuter, holandês, mostra-nos, estribado no primeiro que da enseada das Garoupas segue "uma costa alta, até o rio que os indios chamam *Tajahug*" e que, conforme o segundo, está êle em 28º (?) de latitude austral".

O nome do rio em questão é assim grafado pelos autores abaixo:

Brigadeiro Custódio de Faria — Corresp. Tujuy

CONTINUA NA PAG. 27

Blumenau em 1857

Vimos contando as desfeitas que o Presidente da Província, João José Coutinho, fazia ao Dr. Blumenau.

Dêmos, agora, a êste último a palavra para contar-nos mais uma:

"Nos primeiros dias de março, p. passado (1857), acompanhado do Major de Engenheiros Souza Melo e Alvim, Delegado do Exmo. Snr. Diretor das Terras Públicas em Santa Catarina, foi o Presidente num vapor de guerra visitar o Itajaí, que subiu até a têrça parte e, deixando-o aí, veio honrar também a minha Colônia com uma visita.

"Apesar da minha insistência, demorou-se, porém, apenas hora e meia e, pedindo eu que, pelo menos examinasse um lado da Colônia e que com isso não haveria de dispender mais de duas, ou quando muito duas horas e meia, negou-se. Nem para isso lhe sobrava tempo, e muito menos para ficar um dia, para ouvir as minhas informações, e examinar com os próprios olhos o estado da Colônia e depois sentenciar entre mim e meus inimigos e detratores.

"Desde muito que eu anelava por essa visita; havia muito que referir e explicar a S. Excia.

"O meu desapontamento foi, pois, grande e nada agradável, vendo assim frustradas as minhas esperanças pela pressa com que S. Excia. se retirou.

"Na Colônia D. Francisca havia se demorado mais de dois dias e a mim não me concedia nem mesmo outras tantas horas.

"É verdade que eu não poderia lhe oferecer lautos jantares, bailes e marchas luminosas com arcos de flôres, etc., pois não fui de nada prevenido.

"Mas poderia pelo menos oferecer a S. Excia. ceia e almôço decentes e embora não o pudesse acomodar senão nos meus próprios quarto e cama, sempre não lhe teriam faltado cômodos, se passasse a noite na Colônia.

"Não poderia apresentar-lhe sociedade de casaca e luvas de pelica, cousa que não existe na minha Colônia e nem eu quero que venham para cá, mas nos meus e nos olhos dos meus colonos S. Excia. poderia ter adivinhado o nosso prazer e reconhecimento pela visita com que nos honrava.

"Além disso, não tendo sido prevenido e tendo até eu sido surpreendido por S. Excia. no meu jantar de feijão e carne sêca à brasileira e em trajes de roça, estando os colonos ocupados nos seus trabalhos, oferecia-se-lhe a melhor ocasião para julgar os diversos boatos detratores, com que inimigos me procuram conspurcar e conhecer de fundo o estado da Colônia que, não sendo prevenida, não se lhe podia apresentar no traje de dia de festa, branqueada e enfeitada, mas como efetivamente é.

"Dos meus livros de contas S. Excia. poderia inteirar pessoalmente e saber onde ficam e como eu emprego os fundos do Govêrno Imperial, cujo feitor me considero, visto não possuir eu propriedade alguma que não lhe seja empenhada e hipotecada por adiantamentos que sobem à importância talvez muito maior que o valor atual das minhas propriedades.

"Mas tôdas as minhas esperanças a êsse respeito foram baldadas.

S. Excia. fêz apenas um insignificante passeio na povoação e se retirou depois de uma demora de apenas hora e meia, apesar dos meus insistentes pedidos para que se demorasse.

"Qual foi, agora, o meu espanto quando, indo à capital da Província há quinze dias, participou-me pessoa muito fidedigna e ao mesmo tempo benévola, que se espalharam ali boatos pouco lisongeiros e que não podem me recomendar, parecendo que autoridades, às quais estou subordinado, prestaram-lhes ouvidos e crédito.

Um mau sujeito (antigo colono meu do ano de 1854 a quem eu, em plena face e em público, havia chamado de mentiroso, velhaco e trapaceiro e lhe interditado a minha casa e que, naquele mesmo ano se retirara da Colônia e não mais a ela tornara) assoalhara que tinha sido bem bom para mim que S. Excia não tivesse entrado mais para dentro da Colônia, pois nada teria visto de cousa boa e útil.

"A má conduta dêsse sujeito é pública e notória no Destêrro e há pouco judicialmente separado de sua mulher, de origem inglêsa, pelo cônsul inglês; da mesma mulher que o havia tirado da miséria e cuja considerável fortuna havia dissipado, pagando-lhe o amor com pancadas e grosseiras sevícias.

"Como, porém, é professor de piano e homem de algumas maneiras e educação, entra nas casas de família e é procurado para saraus de boa sociedade.

"A tal desprezível, mas doce hipócrita e adulador, que por causa da sua longa ausência da Colônia, não pode saber cousa alguma do seu atual estado, se presta a atenção.

"Mas nem a S. Excia., nem ao Snr. Delegado do Diretor Geral sobrou tempo para examinarem, com os próprios olhos, a Colônia, quando ali foram.

"Note-se ainda, que dois colonos meus foram há poucos meses chamados ao Destêrro como lentes de matemática e latim no Liceu Provincial, os quais aqui moraram por cinco e três anos e ainda hoje possuem terras de que não querem se desfazer por pretenderem voltar para cá e conhecem profundamente as circunstâncias da Colônia, os meus atos e a minha administração.

"Ambos são conhecidos como homens instruídos, íntegros e de caráter independente. Poderiam, pois, fornecer informações dignas de crédito. Mas nem a um nem a outro pediu-se informação, ou opinião, sôbre mim, sôbre meu sistema e proceder, sôbre o estado atual da Colônia e as condições de seus habitantes.

"Entretanto, presta-se ouvidos aos mexericos de um notório mau sujeito".

No mesmo relatório, de onde copiamos as linhas acima, Blumenau continua citando casos em que ficou patente a má vontade do Presidente para com o atribulado Doutor em Filosofia.

Agora, era o caso de um colono solteiro ter se apossado de um canto de terra devoluta, de pouco valor, mas que Blumenau já havia prometido que seria concedido a um outro colono, dos mais antigos e pai de numerosa família.

Blumenau usou de todos os recursos para expulsar o intruso, pois a êle assistia o direito de preferência sôbre o terreno. Nada conseguiu. O sub-delegado de Polícia a que o caso, finalmente, fôra pre-

sente pura e simplesmente, contra tôda a evidência e tôda a razão, deu ganho de causa ao intruso.

O fundador levou o fato ao conhecimento do Juiz de Direito, então em São Francisco.

O magistrado, reconhecendo o direito de Blumenau, determinou que o intruso abandonasse o terreno, sob pena de ser processado. O intruso corre à capital da Província e o Presidente dá-lhe despacho favorável.

Voltou êle à Colônia e, garantido por êsse despacho, começou a fazer tôda a sorte de acintes ao colonizador cujo prestígio, perante os demais colonos, ficou bastante abalado.

Quando o Presidente fêz a visita de hora e meia à Colônia, Blumenau quis explicar-lhe êsse assunto e o insignificante valor do terreno, "mostrando-lhe no mapa da Colônia o canto em questão" Mas "pude perceber — escreve Blumenau — que o Presidente contraía as sobrancelhas e o seu rosto se obscureceu e a tais sinais faltou-me o ânimo de continuar talvez ofender a S. Excia. na minha morada, de que era hóspede".

O Rio Itajaí

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 24

Paulo J. Miguel de Brito — Mem. Política	Tajahi
Ayres de Casal — Corografia	Tehahy — Thajahi
Monsenhor Pizarro — Memórias	Tajay
Menezes Drummond (Biografia)	Itajahy
São Leopoldo — Anais	Tajahy — Itajahi
Milliet de Saint'Adolphe — Dicionário	Tajahi — Itajahi

O ilustre General Vieira da Rosa, em um dos números da "Revista de Engenharia Militar", sob o título de "Mosaicos Literários", procurando explicar o significado de vários acidentes geográficos da nossa terra, procedentes do tupi-guarani, aborda o de *Itajaí.* Acha que o nome exato do famoso rio devera ser *Itaju-hy,* isto é, *rio de ouro,* com ser êle "o único que arrasta pepitas auríferas dos terrenos do *Itajahi-mirim* e do Garcia. Se o nome do rio fôra *Itajahy,* diz êle, — rio das Pedras (?) pelas muitas que seu leito tem em 200 quilômetros, então seria justo que todos os rios da vertente marítima se chamassem *Itajahy,* porque há quase identidade quase igualdade de leito em todos êles. Se a existência de aroídeas fôsse tão abundante que justificasse seu nome de batismo teríamos que cair no primeiro caso: cada rio ou riacho seria um rio ou riacho dos taiás. Creio estar raciocinando com acêrto, preferindo o nome *Itajuhy* — rio do ouro — por ser o único que possui o precioso e louro metal."

Se assim fôra, acredito eu, todos os rios e ribeirões auríferos do Brasil deviam ser chamados *Itajuhy* como deseja o ilustre geógrafo, meu caríssimo amigo. O nosso selvícola sempre soube com grande propriedade aplicar os nomes aos acidentes naturais.

O antepassado *Carijó,* que deu nome ao famoso rio, mais teria se impressionado com a quantidade de água-pés boiantes em suas águas e seus remansos do que com as pepitas de ouro envôltas nas areias de seu leito e ocultas às suas vistas. *Taiá-i* — rio da conhecida aroídea, nome que o linguajar do povo mantém ainda puro.

ONDE COMEÇA O GRANDE ITAJAÍ

Aí está, em recente foto, a próspera cidade de Rio do Sul, sede de um dos mais futurosos municípios do Vale do Itajaí. Seu território, que se estende por uma zona riquíssima em essências florestais, de extraordinária fertilidade, é habitado por uma população operosa e ordeira. Pertenceu até 1931 ao município de Blumenau, fazendo parte dos seus distritos administrativos sob o nome de Bela Aliança. É aí, bem no centro da cidade, que o rio Itajaí do Sul junta-se ao Itajaí do Oeste que nasce nas divisas dos municípios de Canoinhas e Taió, na Serra Geral e formam ambos o Itajaí-açu, o maior rio do litoral sul brasileiro. Na fotografia acima pode-se observar as duas pontes de concreto, uma sôbre o rio do Sul e a outra sôbre o do Oeste, onde começa o rio que atravessa uma das áreas mais ricas e progressistas do Brasil. Até receber, pela margem esquerda, o seu maior afluente, o rio Hercílio, também conhecido por rio Itajaí do Norte, o Itajaí-açu atravessa terrenos acidentados. Pequenas ilhas, corredeiras e itupavas surgem à cada volta, frustrando tôda tentativa de navegação que não seja por pequenas canoas. Força, depois, a travessia da Serra do Mar, apertado entre gargantas perigosas, numa eterna e gigantesca luta com as enormes montanhas de pórfiros que termina por vencer para espreguiçar-se, manso, calmo, de águas sujas e profundas, desde Blumenau até o oceano, por vales cobertos de plantações, de pastagens, onde há vida, trabalho, produção. O grande rio de uma terra feliz, de gente feliz!

A ESTRADA DE FERRO SANTA CATARINA

Sua gênese. Primeiros estudos. Construção. Inauguração. Administração e desenvolvimento até a data de sua entrega ao Govêrno Federal.

por **Frederico Kilian**, especial para **"Blumenau em Cadernos"**

A greve dos ferroviários da Estrada de Ferro Santa Catarina, que perdurou algumas semanas e incalculáveis prejuízos tem causado à economia do Vale do Itajaí, veio despertar a atenção, não só dos poderes públicos e círculos econômicos, como também da população em geral para esta via de comunicação que tanto tem contribuído para o progresso dos municípios da bacia do Itajaí, e, enquanto os representantes dos grevistas, em conjunto com os nossos deputados e os representantes de nossa indústria e comércio conferenciavam com o govêrno estadual e federal, para o problema criado com a paralização do tráfego, também entre a população local o assunto obrigatório das conversas era a Estrada de Ferro Santa Catarina.

Não obstante o Livro do Centenário de Blumenau trazer em suas páginas 253 a 255, o histórico desta via férrea, resolvemos procurar o Sr. Otto Rohkohl, que foi o primeiro diretor da Estrada de Ferro Santa Catarina, e fazer-lhe uma série de perguntas sôbre os pontos que encabeçam esta reportagem.

Dirigimo-nos à residência dêste velho pioneiro do progresso do Vale do Itajaí, para obter dêle uma entrevista, no intuito de bem informar os nossos leitores. Dissemos velho pioneiro do progresso do Vale do Itajaí, sim, porque o Sr. Otto Rohkohl, por mais de 30 anos serviu aqui à coletividade de Blumenau, na direção de diversas emprêsas que contribuiram decisivamente para o progresso do Vale do Itajaí, primeiramente, como diretor da Estrada de Ferro Santa Catarina, depois, durante longos anos, como gerente da Emprêsa Fôrça e Luz Santa Catarina, tendo sido também um dos idealizadores e fundadores da Eletro Aço Altona, e da Fábrica de Gazes Cremer S/A e prestado seus serviços na administração da Emprêsa Telefônica, mantida pela Associação Comercial de Blumenau.

Homem de fino trato, recebeu-nos o Sr. Rohkohl, com aquela sua costumeira amabilidade e, cientificado da finalidade de nossa visita, prontamente nos atendeu, pondo-se à nossa disposição para dar-nos os informes que desejávamos saber.

Após ligeira palestra convencional entramos no assunto e formulamos uma série de perguntas sôbre o mesmo, que a seguir consignamos com as respostas dadas pelo nosso entrevistado.

1) "Em que época, mais ou menos, a construção de uma estrada de ferro foi posta em evidência pelos blumenauenses, como um problema econômico inadiável?" — Respondeu-nos o Sr. Rohkohl: "Já nos primeiros anos da colonização de Blumenau, o seu fundador, Dr. Hermann Blumenau, reconheceu a necessidade da construção de uma estrada de ferro, que ligasse o centro da colônia, que ao mesmo tempo era o pôrto fluvial mais avançado do rio Itajaí, com o "Hinterland". Mais tarde, com o avanço da colonização para o interior, acentuava-se cada vez mais esta necessidade da ligação por meio de uma estrada de ferro que atingisse o planalto de Santa Catarina. Já em fins de 1870, o engenheiro Emílio Odebrecht, que abrira um traçado para uma estrada de rodagem até o planalto, trabalhava para o projeto da Estrada de Ferro — Chopim, que deveria ligar o planalto catarinense, desde a sua fronteira com a Argentina, com o Oceano Atlântico, descendo pelo Vale do Itajaí, porém, êste projeto não chegou a ser realizado. Com a colonização das bacias dos afluentes do rio Itajaí, notadamente da Co-

lônia Hansa (hoje Ibirama) êstes planos se concretizaram mais, tendo o engenheiro Friedrich von Ockel feito maiores estudos e chegado até a fincar, em ato solene, a primeira estaca, em dezembro de 1899, onde hoje se acha o Grupo Escolar Luiz Delfino, mas também ainda desta feita a construção não foi levada a efeito. A partir de 1900, a Sociedade Colonizadora Hanseática, cujos planos de colonização muito sofriam por falta de vias de transporte para os produtos coloniais, empenhou-se sèriamente pela realização da construção da estrada de ferro, tendo gasto para mais de 200.000 marcos, em estudos e preparativos para a construção da mesma".

2) "Quais foram as pessoas ou entidades que mais se interessaram, em Blumenau, pela construção da estrada de ferro?" — R: "Para a realização da construção, os que mais se interessaram em Blumenau, foram, além da Sociedade Colonizadora Hanseática, o govêrno municipal, que tinha como prefeito o Sr. Alvin Schrader, homem de larga visão comercial, e, mui especialmente, o abnegado propulsor do progresso de Blumenau, que foi Pedro Christiano Feddersen, que depois de coligir aqui o necessário material estatístico, fêz várias viagens à Capital da República, para conferenciar com ministros e políticos, e foi até à Alemanha, para lá despertar nos círculos econômicos o interêsse para o projeto e obter, de emprêsas bancárias e de navegação marítima, bem como nos círculos do Govêrno Imperial, o apoio ao projeto e conseqüente financiamento da construção."

3) "Quais eram os meios financeiros ou grupos de capitalistas com que o engenheiro Friedrich von Ockel contava ou podia contar, ao dar início (aliás simbólico) da construção da sua "Tram-way a vapor Blumenau-Aquidaban", em fins de 1899?" — R: "O engenheiro Friedrich von Ockel não possuía meios financeiros nem tinha a seu lado qualquer grupo de capitalistas para custear a construção da aludida estrada de ferro, para qual obtivera uma concessão anos antes e que estava prestes a caducar".

4) "Quais as emprêsas ou capitalistas, na Alemanha, que custearam os primeiros estudos definitivos para a construção da Estrada de Ferro Santa Catarina?" — R: "Por principal iniciativa da Sociedade Colonizadora Hanseática, que necessitava, para o seu desenvolvimento e escoamento de seus produtos, de transporte seguro, rápido e barato, e das Emprêsas de Navegação Marítima Alemãs, que viam no desenvolvimento da colonização da bacia do rio Itajaí, e conseqüente ampliação do pôrto de Itajaí, futuramente, uma importante praça de comércio internacional para seus navios de carga e passageiros, fundou-se, em Berlim, sob a direção do Banco Alemão e a cooperação financeira de outros bancos e das ditas Emprêsas de Navegação, a "Estrada de Ferro Santa Catarina Sociedade Anônima" com sua sede social em Berlim, com a finalidade de realizar a projetada construção da Estrada de Ferro e sua exploração".

5) "Em que época se deu isto?" — R: "Esta resolução foi tomada no ano de 1906".

6) "Qual foi a emprêsa que ficou com a concessão dada ao engenheiro Friedrich von Ockel pelo Govêrno do Estado?" — R: "Não houve transferência de concessão, pois aquela já havia caducado e a Sociedade Anônima, recém-fundada, obteve nova concessão por parte do govêrno catarinense".

7) "Quais foram os capitalistas ou emprêsas de Blumenau que participaram, financeiramente, na construção da Estrada de Ferro?" — R: "Nenhum grupo de capitalistas, ou emprêsa de Blumenau, nem mesmo do Brasil, participou financeiramente na Sociedade Anônima ou na construção da Estrada de Ferro Santa Catarina".

8) "A emprêsa construtora da estrada de ferro teve quaisquer embaraços ou oposições, por parte de algum morador daqui, na execução ou construção da estrada de

ferro?" — R: "Ninguém opôs quaisquer embaraços ou dificuldades à execução da obra."

9) "Quando, mais ou menos, estavam concluídos os estudos preliminares, inclusive as medições, para que uma firma construtora pudesse ser encarregada da construção da estrada de ferro?" — R: "Os estudos definitivos começaram no ano de 1906, e sofreram certa demora com a morte do engenheiro-chefe, Sr. Krober, que veio a falecer aqui em Blumenau, e foram terminados pela comissão de construção da firma construtora, Bachstein-Koppel, aqui chegada em fins de agôsto de 1907."

10) "Em que data foi iniciada a construção da estrada de ferro?" R: "A construção, pròpriamente dita, foi iniciada em dezembro de 1907."

11) "Quando é que foi inaugurado o primeiro trecho entregue ao tráfego regular e até que estação ia o mesmo?" — R: "Em 3 de maio de 1909 foi inaugurado o primeiro trecho, com tráfego regular até a estação de Warnow."

12) "Em que data foi inaugurado o trecho até a estação final de Hansa?" — R: "Em 1.º de outubro de 1909."

13) "Quem foi o primeiro diretor da Estrada de Ferro Santa Catarina?" — R: "O primeiro diretor da Estrada de Ferro Santa Catarina, foi êste seu criado. Antes de eu vir a Blumenau, achava-me na direção da Estrada de Ferro-Otavi, na África do Sul, e que fôra construída pela mesma firma construtora, Bachstein-Koppel, com uma extensão de 560 quilômetros, através uma zona inexplorada e silvestre do sudoeste da África, no curto prazo de apenas três (3) anos. De lá vim, a mando da referida firma, para assumir aqui a parte administrativa da construção da estrada de ferro, tendo ficado, após a conclusão do trecho Blumenau-Hansa, na direção da mesma estrada de ferro, até agôsto de 1913."

14) "Quem sucedeu a V.S. na direção da Estrada de Ferro Santa Catarina?" — R: "Em 1913 a Sociedade Anônima E.F.S.C., resolveu prolongar a estrada até ao pôrto de Itajaí, e o engenheiro Weitnauer e eu fomos designados para fazermos os respectivos estudos, pelo que deixei o cargo de diretor da Estrada de Ferro, que se achava em tráfego, entregando-o ao Sr. Martin Bischof, para assumir o meu novo pôsto. Instalamos o nosso escritório ao pé do Morro do Aipim, em terreno de minha propriedade, no local onde hoje está o Centro de Saúde, porque ficava êle entre as duas pontes projetadas sôbre o rio Itajaí-açu.

15) "Então já naquela época foram projetadas duas pontes sôbre o rio Itajaí-açu, para o trecho até Itajaí?" — R: Foram estudados vários projetos, um dos quais o de marginar o rio Itajaí-açu em sua margem direita, até a "Vorstadt", mediante a construção de um muro de arrimo desde a foz do Ribeirão da Velha até a "Vorstadt". Esta obra, por ser bem mais cara do que duas pontes, mas que por sua vez viria beneficiar a cidade que com isto iria possuir um cais de vários quilômetros de comprimento, só poderia ser feita com a cooperação do govêrno brasileiro, federal e municipal. Como o município era pobre e não tinha os meios para cooperar neste plano e o govêrno federal nenhum auxílio queria prestar para sua realização, foi abandonado êste projeto.

16) "Em que data a Estrada de Ferro Santa Catarina foi entregue à administração do govêrno?" — R: "Pelo Decreto N.º 13.907, de 6 de janeiro de 1918, a Estrada de Ferro Santa Catarina foi encampada pelo Govêrno Federal.

17) "Durante a administração pela Sociedade Anônima qual foi, em média, a porcentagem do lucro, ou prejuízo, que acusava o capital aplicado?" — R: "Na exploração de uma estrada de ferro, em zonas de desenvolvimento lento, nunca se pode contar com uma margem de lucro do capital in-

vestido, nos seus primeiros anos, mas apenas sòmente depois de decorridos vários anos. Mas mesmo assim, apesar do pequeno movimento inicial de cargas, e relativo curto trecho, as rendas da estrada sempre deram para cobrir as despesas de sua manutenção e administração."

18) "Permita-me mais uma pergunta — Acha V.S. que a Estrada de Ferro Santa Catarina, em mãos de uma emprêsa particular, que a administrasse segundo as normas da antiga Sociedade Anônima, naturalmente com observância das leis trabalhistas vigentes, proporcionaria alguma porcentagem de lucro com relação ao capital nela investido?" — R: "Em face da atual situação inflacionária e sempre crescente em que nos encontramos, já seria um considerável êxito administrativo, se as rendas da estrada de ferro dessem para cobrir suas despesas. Em geral, em países de cotações cambiais decrescentes, as estradas de ferro de elevado custo de construção, nunca podem ser consideradas como objetos de emprêgo lucrativo do capital nelas investido. O proveito se faz sentir indiretamente e consiste no progresso das zonas por elas servidas.

Com esta resposta nos demos por satisfeitos e daqui agradecemos mais uma vez ao Sr. Otto Rohkohl por sua gentileza e presteza com que nos atendeu.

Efemérides Blumenauenses

DEZEMBRO

1884 - dia 1.º. Realizaram-se as eleições para deputados à Assembléia Nacional. Eram candidatos o Dr. Duarte Paranhos Schutel, pelo partido Liberal e o Dr. Alfredo d'Escaragnole Taunay, pelo partido Conservador. O Dr. Taunay recebeu 22 votos e Paranhos Schutel, 7. Votaram em Taunay: Dr. Fritz Mueller, Júlio Baumgarten, Luiz Sachtleben, Dr. Eberhardt, Vitor Gaertner, Henrique Watson, Dr. Francisco Martins Fontes, Henrique Koehler, Franz Faust, Hermann Baumgarten, G. Seckendorff, Henrique Krohberger, H. Ruediger, Frederico Deeke, Eduardo Fritsche, Wilhelm Siebert, Otto Wehmuth, Frederico Rabe, Heinrich Froehner, Heinrich Probst, Henrique Clasen. Como se vê, a fina flor do partido situacionista. A favor de Paranhos Schutel votaram: Dr. Alfredo Koehler, Joaquim Rodrigues Antunes, Júlio Cesar dos Reis Pereira Cardoso, Cláudio Francisco de Campos, Francisco Antônio da Rocha, Wilhelm Schaeffer e Leopoldo Hoeschel. Bons tempos aquêles, do voto a descoberto!

1884 - dia 15. Nesse dia, chega a Blumenau, em visita oficial, Sua Alteza o senhor Conde d'Eu, marido da princesa Isabel, herdeira do trono brasileiro. Pelo pitoresco da notícia, traduzimos, a seguir, o que publicou o semanário local "Immigrant", que então se editava em Blumenau:

"No dia 15 do corrente, pelas 16 horas, chegou aqui S.A.I., o Conde d'Eu que foi festivamente recebido pela Câmara Municipal, pela Comissão de Agrimensores e grande número de outras pessoas. Logo que o vapor "Progresso" se aproximou do cais, no qual se apinhavam as

autoridades e grande massa popular, a música tocou o hino nacional. Durante a atracação do vapor, foram levantados muitos vivas à Sua Alteza e à família Imperial, tendo em seguida o vigário Jacobs — que já conhecia Sua Alteza, em viagem do Rio para cá — foi apresentando os visitantes às autoridades e demais pessoas gradas. Aos sons da música e repique dos sinos e acompanhado de grande massa de povo, S.A. dirigiu-se para a igreja católica, sendo recebido por festivas salvas de morteiros. A festa religiosa encerrou-se com um solene "Te Deum" e um discurso em português e alemão, no qual o vigário Jacobs traduziu a alegria da população pela visita e a lealdade que todos os moradores dêste município juravam à casa imperial do Brasil, prontos a dar os seus bens e o seu sangue pelos interêsses da monarquia. De regresso da igreja, S.A. visitou a Câmara Municipal e as Coletorias; as suas perguntas, dirigidas aos diversos membros da Câmara, causaram admiração a muitos, pois não só demonstravam muito interêsse por tudo quanto dizia respeito ao município, mas denotavam em S. A. um perfeito conhecimento dos negócios rurais. Da Câmara, S. A. dirigiu-se para a Casa Schreep, onde lhe foram reservados aposentos pelo govêrno municipal e onde S. A. encontraria o melhor confôrto. Depois do jantar e já ao anoitecer, S. A. deu um passeio pelas ruas que já apresentavam uma iluminação como nunca se vira nesta Vila. Pelo meio das palmeiras da "Palmen-Allee" ostentavam-se lanternas de tôdas as formas e côres e, no princípio dessa rua um "arco de triunfo" com bandeiras, desenhos e lâmpadas coloridas, o que dava à via pública um maravilhoso aspecto. Algumas casas particulares, como a do cônsul Vitor Gaertner, a de C.G. Friedenreich e a de F. Lungershausen aumentavam, com a sua iluminação, o esplendor da festa. Às 9 horas da noite foi improvisado no salão dos Atiradores uma reunião dançante em honra de S. A. Ontem, dia 16, visitou S. A. as escolas, a igreja evangélica e o escritório da Comissão de Agrimensores antes de fazer um passeio até a casa de H. Clasen, onde S. A. desceu e bem assim na excelente propriedade do senhor H. Hosang. Às doze e meia, S. A. dirigiu-se para bordo do "Progresso", depois de despedir-se de todos, em forma muito afetuosa e de agradecer ao presidente da Câmara a festiva recepção. A lembrança dessa visita, em todos quantos se aproximaram de S.A. deixa grata impressão, pois os modos afáveis do príncipe são mesmo de cativar tôdas as simpatias."

1886 - dia 16. Chega a Blumenau o novo juiz de Direito da Comarca de Itajaí, Dr. Antônio Ferraz da Motta Pedreira que escolhera a vila de Blumenau para sua residência provisória.

No dia seguinte, 17, deveria realizar-se a última sessão ordinária do Júri, daquele ano, mas tendo o juiz chegado do norte na véspera, transferiu a sessão para o dia 18, por se achar ainda muito cansado da viagem. Os jurados, nesse dia, nem no seguinte, não compareceram em número legal, pelo que foi a sessão suspensa.

1886 - dia 27. Chegou em visita oficial o Presidente da Província. S. Excia. visitou as repartições públicas e foi-lhe oferecido um baile nos Atiradores. Regressou no dia 28, via Brusque, para a capital da Província.

Problemas da Administração Municipal

As enchentes do Itajaí

As enchentes periódicas do Itajaí-açu criam problemas que são constante preocupação para as administrações de Blumenau e dos municípios que assentam à sua margem.

Todos os prefeitos locais têm se interessado pelo assunto. Êste merece, realmente, um estudo acurado e profundo e precisa de uma solução que ponha côbro definitivo aos incalculáveis prejuízos que a calamidade acarreta às cidades e aos habitantes da zona rural.

Quando, em 1940, o presidente Getúlio Vargas foi apoteòticamente recebido em Blumenau, o então prefeito expôs-lhe, de viva voz, a angústia com que os blumenauenses desejavam ver solucionado problema de tanta magnitude. E teve oportunidade de expor a S. Excia. a idéia da retificação do Itajaí, na Ponta Aguda, como uma possível solução, embora parcial, mas que viria diminuir de muito os efeitos das enchentes, que não raro assumem proporções catastróficas.

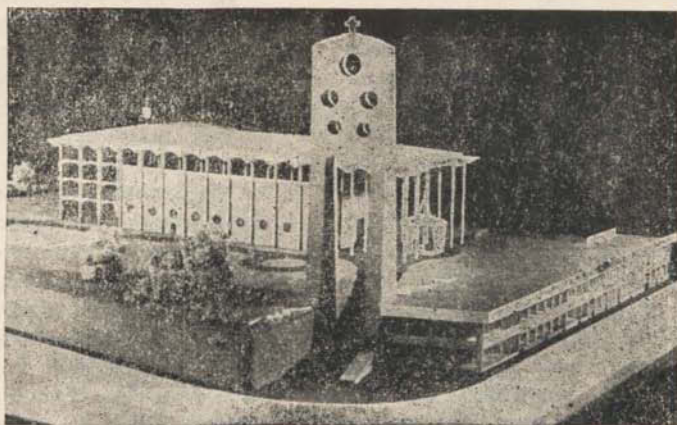
Bem impressionado com o que viu em Blumenau, com a magnífica acolhida que teve em nossa cidade, com as homenagens que lhe foram prestadas, o presidente mostrou-se disposto a determinar providências para que fôssem feitos os estudos preparatórios. E, com efeito, o Departamento de Portos, Rios e Canais recebeu essa incumbência.

Não tivemos, oficialmente, notícias posteriores do assunto. Nem sabemos se procedem os comentários, que ouvimos em rodas de leigos, de que o citado departamento concluíra pela inviabilidade do projeto.

Dizia-se que, dado o pequeníssimo declive do leito do Itajaí, no percurso entre Blumenau e a cidade que assenta à sua foz, o corte da Ponta Aguda viria, longe de oferecer uma solução benéfica, agravar a situação. A correnteza das águas, aumentada pelo encurtamento da distância, poderia trazer conseqüências sérias, senão para a cidade de Blumenau, para outros centros populosos situados rio acima.

Se assim foi, realmente, seria interessante que o Departamento de Portos, Rios e Canais trouxesse à publicidade êsse parecer, entregasse-o ao estudo e à análise dos entendidos. Talvez que da discussão, que forçosamente se travaria entre os engenheiros especializados (se não houvesse unanimidade em tôrno das conclusões a que se tivesse chegado) surgissem novos planos, nova orientação que pudessem conduzir à solução que todos almejamos.

Quando na direção da Estrada de Ferro Santa Catarina o Dr. Joaquim Breves Filho, se bem estamos lembrados, publicou nos jornais locais um parecer sôbre tema de tanto interêsse para os blumenauenses. Outros profissionais deram, também, a sua opinião naquela época, um até aventando projeto arrojadíssimo e de possibilidade de execução muito duvidosa, como o da barragem da Subida, com a inundação de tôda a baixada próxima a Riachuelo.

A NOVA MATRIZ

A nova Igreja Matriz de Blumenau, que será sagrada a 25 de janeiro próximo.

O novo templo paroquial de Blumenau é um monumento digno de ser visto. Planejado e executado dentro das normas da mais moderna técnica no gênero, não tem complicações arquitetônicas.

É sóbrio nas suas linhas gerais, simples no seu todo, mas tem a austera majestade das cousas grandiosas. Será mais um motivo de orgulho para o blumenauense.

Virá consagrá-lo o eminente senhor cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Jayme Câmara, catarinense dos mais ilustres. Comparecerão ao ato as mais altas autoridades civis e militares do país.

Será uma festa digna de Blumenau, digna do grande povo que soube glorificar a Deus numa obra tão original quanto maravilhosamente imponente.

A nova igreja tem 75 metros de comprimento por 24 de largura e 15 de altura e é tôda ela em granito vermelho. Todo o piso é de mármore das melhores jazidas de Camboriú. O projeto é de autoria do engenheiro Gottfried Bonn.

É tempo de se encarar sèriamente o assunto. E se os planos até aqui apresentados tiverem que ser desprezados por inexeqüíveis, é preciso pensar em outro, ou outros, e realizá-los quanto antes.

O que não é mais possível é que nos mantenhamos de braços cruzados, cheios de pavor e preocupações a cada chuvarada que cai, com um ôlho na vara métrica de altitude das águas do rio e o outro na misericórdia de Deus, numa súplica fervente para que sejam mínimos os prejuízos que nunca falham.

"ANITA GARIBALDI"

A contribuição que Blumenau tem dado para o aperfeiçoamento das artes e das letras nacionais tem sido inestimável. Agora mesmo acaba de surpreender os cultores da boa música com a apresentação, no Teatro Municipal, de São Paulo, da ópera "ANITA GARIBALDI", libreto do ex-prefeito do município, Sr. J. Ferreira da Silva e música do maestro Heinz Geyer. A 25 de novembro, dia de Santa Catarina, foi levado à cena, com grande orquestra e imponente montagem, o magnífico trabalho que se constituiu num sucesso sem precedentes. Foi, incontestàvelmente, um dia de glória para Blumenau, cujo prefeito atual, Sr. F. Busch estêve presente e em companhia do governador de Santa Catarina, Sr. Jorge Lacerda, do prefeito bandeirante, Sr. Ademar de Barros, Ingo Hering e Willy Siebert, da direção do Teatro Carlos Gomes e muitas outras pessoas de destaque, assistiu ao espetáculo, não regateando aplausos ao maestro e aos artistas que desempenharam os principais papéis.

Ao terminar o primeiro ato, o governador do nosso Estado e o prefeito de São Paulo foram pessoalmente ao palco abraçar o maestro Geyer, levar-lhe os cumprimentos dos assistentes pelo magnífico desempenho com que a peça começava e em que se manteve até que estrondosos aplausos e vivas chamaram várias vêzes à cena no final do espetáculo o compositor e os artistas que tão bem se tinham havido. O papel de Anita foi vivido por Maria de Sá Earp, do corpo de sopranos do Municipal do Rio de Janeiro. Essa admirável artista saiu-se maravilhosamente. Cantou as principais árias da ópera com tanto talento, com tanta alma, que comoveu a assistência numerosa e seleta que não lhe regateou demorados e bem merecidos aplausos.

Suspeitos para dizer dos méritos do trabalho de Heinz Geyer, por sermos a êle ligados por laços de grande amizade, seja-nos permitido transcrever aqui o que escreveu o cronista teatral da "GAZETA" de São Paulo, Orlando Nasi, no número de 26 de novembro, daquele grande vespertino paulista. Basta isso, êsse testemunho fidedigno para consagrar definitivamente a ópera de Heinz Geyer.

"Pode cada um falar como quiser, dando as suas impressões sôbre os momentos bons e maus da atual temporada de ópera no Teatro Municipal. As razões pendem mais para êste lado, isto é, o dos insucessos, do que para o lado das récitas de favorável êxito, sendo múltiplos os motivos, conforme, nas sucessivas críticas dos espetáculos, tivemos rápidas ocasiões de ir referindo.

Mas a emprêsa se absolve de uma parte de suas grandes falhas — que absolutamente não são maiores do que as falhas do próprio grande teatro lírico há meio século plantado em São Paulo — no momento em que se anima a transpor a barreira clásica do desinterêsse do público pelas obras novas. Êsse instante corajoso (não sabemos se totalmente desinteressado), em que os empresários da estação da primavera se aventuram a encenar uma ópera desconhecida, e sobretudo escrita por autor brasileiro

do qual não se ouviu quase falar, é certamente dos que reconciliam a crítica e os organizadores dos espetáculos, depois dos desacertos que aquela, sem mínima inclinação derrotista, se viu na circunstância de apontar.

Uma iniciativa elogiosa foi essa de encenar no Teatro Municipal a ópera "Anita Garibaldi" do compositor catarinense Heinz Geyer, cuja primeira representação no Brasil se verificou em 1950 na cidade de Blumenau, sendo seis anos depois repetida em Florianópolis. Sobretudo, ela veio notàvelmente repor na devida e óbvia evidência o fator da mise-en-scene", que em geral as nossas récitas líricas tanto têm teimado em largar no último e mais ínfimo plano. Afinal a ópera no Teatro Municipal teve de fato um "regista", não apenas figurando nas páginas de nomes e retratinhos do folheto, mas efetivamente realizando no palco a estréia lírica da sua habilidade no "metier". Não se trata de haver "Anita Garibaldi" dado ontem ocasião a uma obra-prima de "mise-en-scene". Foi no entanto fácil e bem simples ver quanto temos estado distantes de criar na cena de ópera o que a ópera em tôda a hipótese merece como teatro. "Anita Garibaldi", através dos dois ou três toques de boa mira artística, dados pelo seu "regisseur" Ruggero Jacobbi com os cenários desenhados por Francisco Ghiaccheri, mostrou quanto o caminho e a saúde da ópera estão e precisam estar modernamente ligados a um legítimo senso cênico. Não precisamos apontar senão o 1.º quadro do 2.º ato e principalmente a cena do 3.º ato para exemplo do que estamos dizendo. Foi ali feito algo de que se estava desabituado em ópera, no que respeita a uma visão de espetáculo sugestivo que causa gôsto olhar demoradamente. (Não assim, porém, o 2.º quadro do 2.º ato, no acampamento, muito frágil cênicamente).

Mas de "Anita Garibaldi" só interessou a cena? Êste aspecto nos ocupou de maneira especial, pela sua raridade nos nossos espetáculos líricos, ou seja, por haver afinal tido um "regisseur", como manda o título, sem contudo se dever pensar, como já dissemos, que chegamos ontem a um grau estupendo no assunto, o que de resto a natureza da ópera não favorece.

A música e o canto na ópera do maestro catarinense surpreenderam-nos de maneira extraordinàriamente favorável, custando crer que apesar de obra brasileira esta haja sido mantida totalmente ignorada fora do seu Estado de origem êstes sete anos. Ela, de início, não causa essa extraordinária impressão; ao contrário, dispõe a um redondo desinterêsse, pela banalidade do côro inicial e o hino de liberdade, do meio soprano, ambos repisantes, em batida de marcha, o que pode ter que ver com a circunstância guerreira do episódio, mas é de um planíssimo mau gôsto. A ópera porém ganha gradativamente seriedade e começa a cativar o ouvinte, apesar da extensão enorme (claro que desnecessária) da primeira ária de Anita, "Por que vieste?". O primeiro dueto de tenor e soprano, Garibaldi e Anita, impõe caráter um pouco mais preciso ao canto na ópera, que todavia, em outro sentido, é de uma imobilidade que dá cansaço e quase desespera. Êsse primeiro ato, enfim, só sutilmente acena qualidades interessantes

Mau presente de Natal

Há cento e cinco anos atrás, deu-se o primeiro ataque dos índios que infestavam o território do Vale do Itajaí ao incipiente estabelecimento do Dr. Blumenau, à barra da "Velha". Foi exatamente a 28 de dezembro de 1852 que o fato ocorreu. E o professor Ostermann, que também fazia as vêzes de pastor protestante, narra o fato numa carta dirigida ao Dr. Blumenau, que na ocasião se achava em Destêrro, capital da Província, tratando de assuntos ligados ao desenvolvimento de sua colônia. Essa carta é interessante e merece ser transcrita na tradução que dela fêz uma antiga publicação. É êste o teor da missiva:

"Velha, 29 de dezembro de 1852.

Mui prezado senhor Doutor.

Um importante acontecimento obrigou-me a escrever-lhe esta carta. Ontem à tarde, depois da hora de descanso e de haver tomado café, fui ao jardim para plantar feijão enquanto os meus companheiros

---

na partitura. Um pouco de intuição musical, porém, nos indica que "Anita Garibaldi" possui uma certa substância digna de aprêço. A partir do 2.º ato, o novo dueto esplana em música fluente a veia de um artista de autêntico pendor melódico simples. Bem pouco êle se detém no Scherzo do Intermezzo que conduz ao quadro 2.º onde aparecem os dois mais expressivos motivos de tôda a ópera, "Oh meu bem amado" e o canto da Laguna, ambos de Anita. O canto, na ópera, só volta a retomar relêvo no "Misericórdia" no comêço do 3.º ato, pelo soprano, e no côro "Salve Regina" no final.

O tipo de melodia do maestro Heinz Geyer nesta ópera não se liga pròpriamente ao que por norma classificamos na "ária", nem é também o da melodia contínua. Antes êle avulta na simplicidade de largas e bonitas canções, que estamos vendo é o que dá verdadeiramente o mais saliente característico de uma ópera nacional. Não há uma nota vulgar nessas canções, elas ao contrário se eximem pela pureza do motivo, a seriedade da forma e mais do que tudo, atingem a uma emotividade, como é o caso da Canção da Laguna, que acreditamos se tornará um motivo famoso na música brasileira.

Não temos mais tempo para continuar esta nota. Diríamos de outro modo que a orquestra na sua aparente simplicidade envolve, por instantes, inventivas originais e combinações felizes dos instrumentos. Diríamos também que um grande "bravo" se deve a Maria Sá Earp no seu empenho eloqüente para ressaltar a protagonista, atuando exaustivamente em canto alto e fortíssimo (exceto nas canções). Também Manrico Patassini e Glória Queiroz nos outros papéis de maior importância honraram a estréia paulistana de "Anita Garibaldi", que o próprio autor regeu.

Pouco público. "Ópera brasileira"...

ORLANDO NASI

Schramm e Toepsel se ocupavam em limpar as suas espingardas e carregá-las de novo. Enquanto estavam nesse mister, ainda gracejavam, dizendo: "agora estamos preparados para receber os bugres caso êles venham nos atacar".

De repente, ouviram gritos saídos da roça de mandioca. Schramm foi ao dormitório, que ficava em cima, para ver o que se passava e viu três bugres no alto, ao lado do rancho de secar tijolos e telhas. Tomou ràpidamente da espingarda carregada e correu em direção aos bugres. Êstes recuaram um pouco. Neste momento, aos chamados de Schramm, deixei o jardim e entrei em casa. Schramm procurou, então, falar aos bugres, por mímica, largando a espingarda no chão e mostrando-lhes um ramo verde como sinal de paz. Os três bugres conferenciaram entre si. O cacique, que se achava dentro da plantação e dali dirigia o assalto, ordenou-lhes e mais a outros bugres que se achavam escondidos, que atacassem a casa e os moradores. Os bugres avançaram e Schramm levantou a arma do chão. Nesse ínterim, Toepsel havia carregado as restantes espingardas. Eu e a criada Lisette, que estava muito assustada, apressamo-nos em ir de canoa até a embocadura do "Garcia" para chamar os homens ali ocupados nas roças. Na "Velha" achavam-se no momento do assalto só quatro homens. Embarcamos na canoa sete homens, entre os quais Fritz Deschamps e Friedenreich. Os restantes seguiram por terra até a "Velha". Quando chegamos perto do lugar do assalto, ouvimos alguns tiros. Schramm e Toepsel tinham recuado de propósito até ao sótão da casa nova para animar os bugres a se aproximarem. Existia pouca pólvora e chumbo e era preciso ganhar tempo até que chegassem os homens do Garcia. Cinco bugres aproximaram-se apressadamente da casa e entraram na sua sala, examinaram a mobília e começaram a carregar, com grande alegria, tudo quanto achavam bom. Ressoou, nesse momento, um tiro, partido do sótão da casa e um dos bugres foi ferido no ombro. O ferido e os demais assaltantes, com gritos e lamentos, abandonaram precipitadamente a casa, entrando na roça de mandioca. Enquanto fugiam, atiravam muitas flechas, visando os atacantes das janelas da casa, felizmente sem ferir ninguém. Schramm e Toepsel atiraram também contra os fugitivos, ferindo dois dêles. Um caiu, mas auxiliado por seus companheiros pôde entrar na roça de mandioca, e dali, no mato. Como já fôsse noite fechada, deixamos de perseguir os bugres. Os homens que comigo tinham vindo do Garcia, chegaram pouco depois da fuga dos bugres e pernoitaram conosco na Velha. Perto da casa e nas imediações da roça, encontramos quatro arcos e oito flechas. Ao romper do dia 29 principiamos, com a assistência de Schramm a perseguir os bugres. Entrando no mato, logo atrás da plantação de mandioca, achamos um bugre ferido, sem sentidos e em estado gravíssimo. Mandei, sem demora, chamar o Sr. Friedenreich para ver o moribundo. Antes, porém dêle chegar, o bugre morreu. Era uma figura alta, robusta. Tinha aproximadamente 20 anos e, no lábio inferior um pedaço de madeira, característico da tribo dos botocudos. Transportamos o cadáver e demos-lhe sepultura. Avisei o comandante do destacamento dos soldados de Belchior para mandar percorrer os vales do "Velha e do "Garcia". Comunicando êsses fatos, observo que aqui continuamos sempre com coragem e trabalhando para adiantar a colônia."

Um Centenário Memorável

A 5 de outubro último, transcorreu o centenário do nascimento de um dos homens que mais se distinguiram em Blumenau pelo seu trabalho, pela sua extraordinária dedicação em prol do engrandecimento do município.

Pedro Cristiano Feddersen chegou a Blumenau com 22 anos de idade em setembro de 1879. Tentou a agricultura, adquirindo um lote de terras com parte do dinheiro que trouxera, depositando o restante na casa comercial de Meyer & Sperling, então os comerciantes mais fortes da colônia.

Prejuízos sofridos em tentativas que fêz de dedicar-se à indústria e na grande enchente que em 1880 causou enormes estragos ao município, obrigaram Pedro Cristiano a ir tentar a fortuna em outra parte. E foi para São Paulo. Mas a pouca sorte o acompanhara. Também não foi feliz ali em seus negócios.

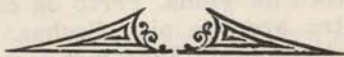
Voltou, então, para Blumenau e, em 1885, passou a gerir os negócios da filial da firma Gustav Salinger em Itoupava-sêca.

A prosperidade bateu-lhe à porta e durante todo o resto de sua vida dedicou-se ao comércio e à indústria à frente dessa firma. E sàbiamente dividia a sua capacidade de trabalho entre os seus negócios e os do município de que se tornou credor por grandes iniciativas e melhoramentos. Deve-se aos esforços de Feddersen a construção da Estrada de Ferro Santa Catarina, a estrada de rodagem de Subida a Curitibanos, a ponte sôbre o Itajaí, a usina elétrica do Salto e muitos outros empreendimentos, tanto na sede como no interior do município.

Sua influência, sempre benéfica e decisiva, se fêz sentir em todos os setores administrativos e sociais do município. Orientava, com os seus conselhos e a sua experiência, os administradores e incentivava a criação de sociedades artísticas, recreativas, de cultura física. A instrução primária, no interior, também lhe mereceu especial cuidado.

Foi conselheiro municipal, presidente da Câmara, deputado estadual e um dos chefes políticos de maior prestígio que Blumenau já teve.

Morreu a 22 de junho de 1947.

Por ocasião do transcurso do centenário do nascimento de um homem tão prestimoso, que foi um exemplo de trabalho honesto e produtivo, de virtudes morais e cívicas, não podemos deixar de prestar um sincero preito de gratidão à sua memória, à memória de quem, perpetuado como já se encontra no bronze, viverá, para sempre, na lembrança dos Blumenauenses.

A altura média de Blumenau sôbre o nível normal do Itajaí-açu é de 10 metros.

— * —

O Rio do Têsto, segundo se evidencia de antigos documentos, já era conhecido por êsse nome em 1842, oito anos antes da fundação de Blumenau.

— * —

A atual Rua 15 de Novembro, em Blumenau, antes da proclamação da república, chamava-se Rua do Itajaí.

Blumenau

Posição geográfica: 26º 55' 26" latitude Sul
49º 03' 32" longitude Oeste

Altitude: 14 metros no centro urbano.

Área municipal: 678 km2 — *População*: 60.000 habitantes

Atividades econômicas:

Agricultura: arroz, mandioca, milho, fumo.

Indústrias de transformação, especialmente de fiação e tecelagem de algodão.

Laticínios, carnes preparadas, conservas.

Brinquedos, instrumentos musicais, aparelhos elétricos de precisão.

Porcelanas, cristais.

Gases medicinais.

Medicamentos, perfumarias.

Fundições de metais.

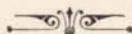
Chocolates e balas, etc...

Divisão Política: três distritos: sede, Rio do Têsto e Vila Itoupava. Prefeito e treze vereadores.

Comarca com duas varas, dois juízes e dois representantes do Ministério Público.

Particularidades urbanas: 7.000 ligações elétricas; 16 hotéis, 4 cinemas, um teatro, três ótimos hospitais com 600 leitos.

65 unidades de ensino primário fundamental, 3 de ensino secundário, 1 pedagógico, 1 industrial, 1 comercial, 1 artístico. Na cidade, 14 tipografias, 5 livrarias, 5 periódicos em circulação, um dêles diário.

A arrecadação prevista para 1957 é de 60 milhões de cruzeiros.

Blumenau em Cadernos

Mensário dedicado à história e aos interêsses do Vale do Itajaí

Assinatura 12 números . . . . Cr$ 100,00
Número avulso . . . . Cr$ 10,00

Administração e responsabilidade de E. Ferreira da Silva.
Tôda a correspondência deverá ser dirigida a

Blumenau em Cadernos
Caixa Postal, 425
BLUMENAU — S. CATARINA